

A recepção da expressão *Filho do Homem* no Novo Testamento: “do Jesus histórico à expressão *o Filho do Homem*”.

José Luis Izidoro

Universidade Metodista de São Paulo (UMESP).

<http://lattes.cnpq.br/4642500737287289>

Mercedes Lopes

Universidade Metodista de São Paulo (UMESP).

<http://lattes.cnpq.br/0480733591031604>

Resumo

A diversidade de compreensão do *Jesus Histórico* se deve à própria pluralidade das experiências cristãs no contexto do cristianismo primitivo, considerando o ambiente político, sociocultural e as diversas tradições judaico-cristãs, segundo as expectativas que se originavam nos respectivos espaços. Assim, se originam leituras diversificadas para as concepções do Jesus histórico, no que concernem aos *títulos messiânicos* de Jesus de Nazaré. O *Jesus Histórico* assumiria de alguma forma algo das tradições associadas ao Filho do Homem ou isso seria resultado das elaborações cristológicas do cristianismo primitivo?

Palavras-chaves

Filho do Homem, Jesus histórico, cristianismo, judaísmo, tradição, recepção.

Abstract

The diversity of the understanding from the historic Jesus because of the proper plurality from the Christian experiences in the context of the primitive christianism, according to the political, partner cultural environment and from the different Judaic Christians traditions according to the waiting for that originated in the respects spaces. In this way originate different reading toward the conception from the historic Jesus in concerning to the messianic titles of the Jesus of Nazareth. The Historical Jesus it assumed of some form something them traditions associates to Son of the Man or if this is the result of the christological elaborations of the primitive christianity.

Key words

Son of the Man, Historic Jesus, christianism, Judaism, Tradition, Reception.

Da história aos ditos de Jesus

Existem algumas dificuldades em afirmar a historicidade dos atos e palavras de Jesus, considerando que não há um único escrito elaborado pelo próprio Jesus de Nazaré. Para John P. Méier, Jesus de Nazaré viveu aproximadamente trinta e cinco anos, na Palestina do século I. Em cada um destes anos ocorreram mudanças físicas e psicológicas. Mesmo antes de iniciar o seu ministério público, muitos de seus atos e palavras devem ter sido testemunhados por sua família e amigos, vizinhos e fregueses. Tais eventos deveriam ser conhecidos, na época, por quem se interessasse em saber, isto é, seus discípulos. Esses fatos poderiam ser registrados na ocasião por um investigador zeloso. No entanto, a vasta maioria desses atos e palavras, o *registro razoavelmente completo do Jesus real*, está irremediavelmente perdido para nós hoje. O *Jesus real*, mesmo no sentido de um registro razoavelmente completo de palavras e atos públicos é desconhecido e desconhecível (MEIER, 1992: 32).

Também poderia ter acontecido alguma resignificação do conteúdo dos ditos e atos de Jesus de Nazaré a partir da forma e de mudanças lingüísticas, isto é, da oralidade entre a geração palestinense e a helenista, como cultura e linguagem. Geza Vermes afirma “que a forma linguisticamente autêntica do ensinamento de Jesus, com exceção de cerca de uma dúzia de palavras preservadas nos evangelhos, desapareceu rapidamente. Ao mesmo tempo, em consequência do sucesso da igreja primitiva no mundo gentio falante do grego, o conjunto das mensagens transmitidas pelos apóstolos – o Evangelho, as epístolas e o resto – foi registrado em grego, o que constitui a forma mais antiga que possuímos do Novo Testamento” (VERMES, 2006: 11).

Porém, segundo a proposta de John Dominic Crossan, “no cerne de qualquer cristianismo sempre existe – implícita ou explicitamente – uma dialética entre uma leitura histórica de Jesus e uma leitura teológica de Cristo. O próprio Novo Testamento contém uma grande quantidade de interpretações teológicas divergentes, sendo que cada uma aborda aspectos diferentes do Jesus histórico. Sempre haverá imagens divergentes do Jesus histórico, que sempre haverá *cristos* diferentes construídos a partir delas e, acima de tudo, mostra que a estrutura do cristianismo sempre será a seguinte: é assim que vemos o Jesus de então como o Cristo de agora” (CROSSAN, 1994: 461). Para Gerd Theissen e Annette Merz, o

consenso é que depois da Páscoa, os cristãos disseram mais de Jesus do que o Jesus histórico sobre si mesmo. O Jesus histórico se tornou o *Cristo querigmático*, isto é, um salvador e redentor que foi proclamado (THEISSEN & MERZ, 2002: 539-540).

A partir desse contexto, buscamos situar a expressão *Filho do Homem*, “que aparece 84 vezes no NT (69 nos evangelhos sinóticos, 12 em João, 1 vez nos Atos dos Apóstolos e 2 vezes no Apocalipse). Nos evangelhos, ela aparece sempre na boca de Jesus”¹. A importância desta expressão no NT não tem origem unicamente no seu uso freqüente, mas pelo fato de ser este o único título que Jesus aplicou a si mesmo ou colocado em sua boca pelas comunidades cristãs.

O polêmico título cristológico *Filho do Homem*, segundo Gerd Theissen e Annette Merz, “foi o único termo que Jesus relacionou explicitamente a si mesmo, o qual não é um título, mas uma expressão cotidiana” (THEISSEN & MERZ, 2002: 588), onde a exaltação a *Filho do Homem* foi identificada com o *crucificado* e *sofredor*. *Filho do Homem rebaixado e exaltado*. Aqui, o homem é, de um lado, um *ser celestial* preexistente que desceu do céu (Jo 3,13); ao mesmo tempo, ele é como *sofredor* (Jo 3,14; 12,34) e *glorificado* (Jo 12,23) (THEISSEN & MERZ, 2002: 582-584). Para Theissen e Merz, o “*Filho do Homem* atingiu sua soberania apenas pelo sofrimento e pela morte. Em Jesus todas as expectativas implícitas, evocadas ou explícitas foram crucificadas. Ele se tornou o Messias. Nele se cumpriram as expectativas messiânicas, embora de forma paradoxal pelo sofrimento e pela morte” (THEISSEN & MERZ, 2002: 589).

Estaremos apresentando alguns comentários de alcance para essa reflexão, a partir de Adela Yarbro Collins, John Dominic Crossan, Oscar Cullmann, Gerd Theissen e Annette Merz.

A influência de Daniel no Novo Testamento

¹. Diccionario de la Biblia. Edición Castellana de Serafín de Ausejo, Barcelona:Herder, 1964, p. 843.

Delimitação do Tema: Dn 7

Embora tenhamos encontrado outros mitos em Dn 7, optamos por investigar somente sobre a figura do *filho de homem*, por ser este um tema recorrente no intertestamento e cuja recepção é importante nos textos canônicos dos cristianismos originários.

a) Descrição do filho de homem no livro de Dn 7,13-14

Na sua visão noturna, Daniel vê um *como filho de homem*, vindo sobre as nuvens do céu.

*"Eu continuava contemplando, nas minhas visões noturnas,
quando notei, vindo sobre as nuvens do céu, um como filho de homem
Ele adiantou-se até o Ancião e foi introduzido à sua presença.
A ele foi outorgado o império, a honra e o reino,
E todos os povos, nações e línguas o serviram.
Seu império é um império eterno que jamais passará,
E seu reino jamais será destruído".*

b) O significado de um como filho de homem em Dn 7,13-14

O significado deste personagem: *um como filho de homem que vem sobre as nuvens* não é claro, em Daniel 7, 13-14. O próprio autor do texto se encarrega de dar um significado mais adiante, na interpretação da visão (v. 15-27). Daniel fica inquieto com a visão e pede a um dos presentes que lhe dissesse a verdade a respeito de tudo aquilo que acabava de contemplar através da visão. Daniel recebe a explicação sobre os animais, mas quanto ao *um como filho de homem*, não volta a falar sobre ele, mas refere-se ao julgamento feito pelo Ancião em favor dos santos do Altíssimo. *E chegou o tempo em que os santos entraram na posse do reino* (Dn 7,18). O v. 14, que dava o império ao *um como filho de homem* tem o seu contraponto no v. 22: *o reino, o império e as grandezas dos reinos sob todos os céus serão entregues ao povo dos santos do Altíssimo. Seu império é um império eterno, e todos os impérios o servirão e lhe prestarão obediência* (Dn 7,27).

Textos posteriores retomaram a origem celestial do filho de homem, que deixa um sentido aberto na descrição do livro de Daniel.

Segundo Adela Yarbro Collins, "a mais notável e importante influência de Daniel no Novo Testamento está no papel de Daniel 7,13 no desenvolvimento e

transmissão da tradição do *Filho do Homem*. O livro de Daniel como um todo, especialmente os capítulos 7-12, serviu como um dos vários modelos para o autor da Revelação na formação daquele trabalho e conteúdo. Um número de termos, noções, temas, e motivos por todas as partes do Novo Testamento também manifesta a influencia de Daniel (COLLINS, 1993: 90).

A tradição do *Filho do Homem* apresenta muitas polêmicas e tem sido, segundo a autora, "um dos maiores tópicos de controvérsia no estudo do Novo Testamento neste século. No tratamento do *Filho do Homem* na historia da interpretação judaica de Daniel, um dos temas mais importante tem sido se ali era um conceito de *Filho do Homem* no judaísmo primitivo independente do livro de Daniel. Mais recentemente, um número de escolas tem argumentado que, durante e prévio ao tempo de vida de Jesus, *Filho do Homem* não era um título nos círculos judaicos, que ali não era generalizado expectativa da vinda de um ser celestial chamado *Filho do Homem*" (COLLINS, 1993: 90).

Adela Yarbro Collins, se referindo a muitas escolas, mostra a categorização do *Filho do Homem* nos evangelhos sinóticos, que se conforma em três grupos: "1. Os ditos *Filho do Homem* no futuro, um rol apocalíptico do *Filho do Homem*; 2. Os ditos que se referem ao sofrimento, morte, e ressurreição do *Filho do Homem*; 3. Os ditos que expressam a autoridade do *Filho do Homem* no presente (i.e., durante a vida pública de Jesus). Tais escolas concluem que os antigos ditos *Filho do Homem* são fundados entre o primeiro grupo. Porém, eles discordam, contudo, na origem desses ditos. Alguns argumentam que eles são falados em alguma forma pelo Jesus Histórico, ao passo que outros estão convencidos que eles são originados entre os seguidores de Jesus depois da ressurreição. Contudo, um número de escolas argumentam que os antigos ditos são fundados nos grupos dois e três" (COLLINS, 1993: 90-91).

Para *Adela Collins*, a "tese do Jesus Histórico aludido para a figura de homem em Daniel 7 tem sido desafiada em dois caminhos. Uma contra-hipóteses é que todas as alusões a Daniel 7,13 e todas as representações de Jesus como o *Filho de Homem apocalíptico* originou-se na primeira interpretação cristã da Escritura. O outro é, que os ditos do *Filho do Homem* que se refere a Jesus são baseados no uso de um idioma aramaico que não tinha nada a ver com a tradição apocalíptica" (COLLINS, 1993: 92).

Adela Collins menciona a *Perrin Norman* (A Modern Pilgrimage) que apresenta o seguinte argumento: "o uso de Daniel 7,13 no Novo Testamento, pressupondo a

ressurreição de Jesus, está baseado primeiramente em Marcos. Marcos 14, 62 representa o produto final de um processo de interpretação cristã que combina duas tradições originalmente separadas: 1. A representação da ressurreição de Jesus como sua exaltação como *Filho do Homem* sentado à direita de Deus, e você verá o *Filho do Homem sentado a mão direita do Poder*; 2. a interpretação de Daniel 7, 13 com uma profecia da parusía de Jesus, e vinha com as nuvens do céu” (COLLINS, 1993: 92). Assim, segundo *Adela Collins*, “mesmo que esta análise especulativa deste dito particular esteja correto, ele não necessariamente seguiria todos os ditos apocalípticos do *Filho do Homem* que pressupõem a ressurreição de Jesus” (COLLINS, 1993: 92).

Finalmente, em continuidade com o autor citado por *Adela* anteriormente, quanto a influência de Daniel no Novo Testamento, esta afirma que “se o uso da frase *Filho do Homem* por Jesus era alusivo a Daniel 7, 13, seus discípulos teriam sido encorajados a engajar-se na reflexão exegética. É provável que eles tivessem conhecimento da interpretação messiânica daquela figura *como homem*. Uma vez que Jesus foi identificado por eles como o Messias, era como um curto passo para o uso de *Filho do Homem* para querer dizer *Messias* (Cristo) ou, simplesmente *Jesus*. Uma vez que estas equações era feitas, não era de se surpreender que *Cristo, Jesus, ou Senhor* aparecesse no contexto onde alguém poderia esperar encontrar Filho do Homem” (COLLINS, 1993: 90).

Quanto à influência de Daniel nos Evangelhos Sinóticos, *Adela Collins*, mencionando a *Heinz E. Todt* (*Der Menschensohn*), afirma que “os ditos de *Filho do Homem* eram constitutivos para a Cristologia da fonte Q” (COLLINS, 1993: 96). O consenso que Q é escatológico ou um documento apocalíptico, era desafiado quando “*Heins Schurmann* argumentava que os ditos apocalípticos do *Filho do Homem* representam um primeiro estagio da tradição que não estava longe do interesse do Editor de Q” (COLLINS, 1993: 96). Estudos cuidadosos dos ditos *Filho do Homem* e seus contextos em Q, mostram que os “ditos apocalípticos *Filho do Homem* são fundados praticamente em cada estagio da formação das tradições incluídas na fonte dos ditos” (COLLINS, 1993: 96).

Segundo *Adela Collins*, na maior parte dos ditos *Filho do Homem* na Fonte dos Ditos Sinóticos, a origem do nome na interpretação de Daniel 7 é ainda aparente. Em Lucas 7, 34; 9, 58; 12, 10 e Mateus 11, 19; 8, 20; 12, 32, a frase é usada simplesmente como um dos vários caminhos de referencia a Jesus. Na maior parte em que os ditos, como um elo a Daniel 7, 13 é evidente, o contexto é do julgamento

escatológico. Assim, o *Filho do Homem* em Q é a subida de Jesus que salvará fielmente seus seguidores e julgará o perverso no tempo de sua segunda vinda (COLLINS, 1993: 96-97).

A quem se referia Jesus ao falar do Filho do Homem?

Em uma análise, John Dominic Crossan (CROSSAN, 1994: 275) mostra que, as quatro visões de Daniel 7, 8, 9, 10-12 tinham a intenção de confortar os fiéis judeus, perseguidos entre 167 e 164 a.E.C. Detendo-se no texto de Dn 7, 9-14, este autor afirma que este é um julgamento apocalíptico do império grego/sírio de Antíoco IV Epífanés e que a expressão *um como filho de homem* não é um título. Ela é usada apenas para opor os três impérios, que seriam *como um leão (...)* *como um urso (...)* *como um leopardo*. Oposição entre animais selvagens das profundezas caóticas do mar e uma figura sobre-humana que é *como um ser humano* e vem das alturas do céu. Ao contrário dos habitantes das profundezas, que se parecem com animais, ele vem do alto e se parece com um homem. Para explicar-se, Crossan diz: "assim como o chauvinismo do inglês emprega as palavras *man* (homem) e *mankind* (humanidade) para descrever a humanidade em geral, o seu equivalente hebraico utiliza *homem* e *filho de homem*, principalmente num paralelismo poético, para descrever a raça humana" (CROSSAN, 1994: 275).

Ao afirmar que o caráter não titular da expressão *um como filho do homem* em Dn 7,13 é reforçado pelo 1º de Enoque e 4º de Esdras, cita 1º de Enoque 46,1-4:

"Naquele lugar, vi Aquele a quem pertence o tempo antes do tempo. Sua cabeça era branca como a lã e com ele estava outro indivíduo, cujo rosto era como o de um ser humano (...). Perguntei (...) a um (...) dos anjos (...) "Quem é este?" (...). E ele me respondeu: "Este é o Filho do Homem, a quem pertence a virtude, em quem vive a virtude (...). Este Filho do Homem que viste é Aquele que expulsará os reis e os poderosos de seus assentos confortáveis e arrancará os fortes de seu trono" (CROSSAN, 1994: 276).

Crossan chama a atenção para as maiúsculas usadas na tradução, que transformam num título algo que não passa de uma referência ou alusão. Não há nenhuma pressuposição de que o termo *Filho do Homem* tenha algum significado fora de uma alusão a Dn 7,13. Depois de introduzido em Enoque 46,1-4, todos os textos subsequentes a respeito do *Filho do Homem* retomam esta passagem e

contam com sua presença. Isto quer dizer que 1º de Enoque está em dependência direta a Dn 7,13, Embora tenha também outros títulos dentro do Livro das similitudes (parábolas) (1 de Enoque 37-71) (CROSSAN, 1994: 276-277).

Se um como *filho de homem* não é utilizado como título nos textos judaicos que acabamos de citar, como teria ocorrido a estranha transição para o futuro do Filho do homem apocalíptico, usado nos textos cristãos (CROSSAN, 1994: 277)?

Assim, John Dominic Crossan se interroga sobre a *estranya transição* (CROSSAN, 1994: 277) entre o sentido de *Filho do Homem* nos textos judaicos baseados em Dn 7,13 e nos escritos cristãos. Afirma que uma solução possível seria entender a expressão como um *circunlóquio*² para o *eu* no aramaico da época de Jesus. Seria uma forma de se referir à própria pessoa do falante.

Crossan afirma que se Jesus falava do *Filho do Homem* num sentido genérico ou indefinido, ele obviamente estaria se incluindo, mas se falava do *Filho do Homem* num sentido circunloquial estava se referindo apenas a si mesmo. Além disso, insiste em que o termo *Filho do Homem* não era conhecido como um título, nem no hebraico e nem no aramaico (CROSSAN, 1994: 278-280).

Depois de analisar e comparar os textos judaicos sobre o *Filho do Homem*, Crossan os confronta com os textos neotestamentários onde o referido termo aparece, chegando à conclusão de que o *Filho do Homem* como Juiz Apocalíptico surgiu em um estágio bem antigo da tradição cristã. Afirma isso pela sua forma independente no *Evangelho das Sentenças Q*, no *Evangelho dos Hebreus* e em *Marcos* (CROSSAN, 1994: 291). Para demonstrar sua afirmação, Crossan apresenta um apêndice em seu livro *O Jesus Histórico* com um inventário de todas as sentenças sobre o Filho do Homem Apocalíptico (CROSSAN, 1994: 490-492).

A origem e o alcance do termo o *Filho do Homem* no NT

². Uma forma oblíqua do *eu falante* referir-se a si mesmo.

Segundo Oscar Cullman, sem dúvida Jesus teria substituído intencionalmente o título *Messias* pelo de *Filho do Homem* (CULLMAN, 2001: 181). No entanto, os evangelistas não empregam este título quando querem expressar sua fé em Jesus. Isto pode indicar que já na época em que foram escritos os evangelhos a denominação messiânica mais considerada era *Cristo*, e que o fato de colocarem na boca de Jesus o título *Filho do Homem* pode ser uma prova de que reproduzem uma tradição já fixada, segundo a qual o próprio Jesus se auto-denominou desta maneira (CULLMAN, 2001: 182). Mas não seria a comunidade primitiva quem teria posto o termo na boca de Jesus, dando a este *homem* uma interpretação messiânica e convertendo esta expressão em título cristológico?

Cullman argumenta que esta tese foi defendida por *J. Wellhausen (Skizzen und Vorarbeiten, VI, 1899, p. 187 ss)*, mas foi refutada por outros autores. Para analisar esta questão, Cullman parte de uma aproximação à literatura judaica tardia (Dn 7,13; 4º livro de Esdras e os capítulos 37-71 do livro etíope de Enoque), chegando à conclusão de que na época de Jesus este termo serviu para designar um *Salvador Escatológico*: é o título que ostentava um mediador especial a aparecer no fim dos tempos (CULLMAN, 2001: 183-184). Segundo Cullman, para entender melhor esta questão é necessário distinguir duas categorias de falas de Jesus:

- 1ª) Aquelas em que se atribui o título de *Filho do Homem*, pensando em sua obra escatológica a ser realizada no futuro.
- 2ª) Aquela em que o faz pensando em sua missão terrestre.

A primeira corresponde à noção que encontramos em Daniel, no Apocalipse de Esdras e no livro de Enoque. É o título de majestade e designava, nos meios judeus, a máxima função escatológica. Ao dar-se este título (cf. Dn 7,13), Jesus tem consciência de representar em sua pessoa o remanescente de Israel e, por meio deste, a humanidade inteira (CULLMAN, 2001: 205).

A segunda corresponde à sua concepção de haver-se inaugurado com sua pessoa o reino de Deus e que isto deveria acarretar consequências para esta auto-aplicação do termo. Sua vinda significaria o começo do fim dos tempos (cf. Mt 11,4ss “Ide, e anunciai a João o que estais ouvindo e vendo...”). Desta maneira, durante sua encarnação terrena, Jesus pode se auto-designar como *Filho do Homem*, mesmo que não tenha descido à terra *nas nuvens do céu* (CULLMAN, 2001: 210).

Quando Jesus aplica este título *Filho do Homem* à sua missão terrena, expressa não somente sua função como juiz escatológico, mas, também, sua humilhação, relacionando estreitamente o título uiós tou antrwópou com *Ebed*

Iahweh. Estas duas idéias já existiam no judaísmo, porém, o realmente novo é a integração que Jesus faz dos dois títulos: 1) A majestade mais soberana 2) A humilhação mais profunda. Jesus teria, assim, resumido em sua consciência duas vocações aparentemente contraditórias, expressando sua unidade através de sua vida e de seus ensinamentos (*CULLMAN, 2001: 212*).

Há uma cristologia explícita no Jesus histórico?

Segundo *Gerd Theissen e Annette Merz*, a expressão enigmática *Filho do Homem* utilizada e empregada por Jesus para si próprio tem duplo caráter, isto é, pode ser uma expressão do dia-a-dia (linguagem cotidiana), que significa um homem; ou então poderá ser uma figura encarregada por Deus para julgar o mundo (linguagem visionária) (*THEISSEN & MERZ, 2002: 568*).

Vejamos essas duas tradições lingüísticas por trás dos ditos sobre o Filho do Homem (*THEISSEN & MERZ, 2002: 569*):

a. A expressão cotidiana *filho do homem*

uiói tou antrwópou é traduzido do aramaico (bar-nāshā'), que encontra seu correspondente hebraico em (bem-'ādām) e que poderá ter os seguintes significados: a). o homem em geral (sentido genérico), b). Algum homem (sentido indefinido) e raramente "eu".

b. A expressão "*como um filho do homem*" na linguagem visionária

Para Theissen e Merz, nos apocalipses judaicos aparece uma figura celestial que é comparada com *um filho do homem*. Talvez não se trate de um título honorífico, porém pode ser uma comparação com uma figura soberana de juiz. Daniel 7 é o texto base e Enoque etíope 37-71, 4 Esdras 13 serão textos que se referem a Dn 7. Em Dn 7 (escrito entre 167-164 a.c): "trata-se, numa visão, da dominação dos poderes do mundo por Deus: um leão, um urso, uma pantera e um monstro que superam todos os outros. Esses animais simbolizam os poderes mundanos anti-divinos dos medas, persas, babilônicos e sírios. Eles são aniquilados por Deus e, em seguida o reinado é transferido para um ser que se parece com um *filho do homem*" (Dn 7,13s.) (*THEISSEN & MERZ, 2002: 570*).

Em Enoque Etíope 37-71 e 4 Esdras 13, de acordo com Theissen e Merz, “trata-se de uma referencia retrospectiva a Dn 7, que falam de uma figura de juiz como *homem* ou *filho do homem*. O quarto livro de Esdras é do fim do século I d.C., mas a datação das parábolas do Enoque etíope (37-71) é controversa. Pelas similitudes com Qumran, poderíamos supor que foram compostos depois do N.T. São escritos judaicos e faltam aí traços especificamente cristãos. Enoque etíope 37ss. e 4º Esdras 13 concordam em muitos aspectos – geralmente contra Dn 7, pelo que indica uma tradição comum. No entanto, segundo esses autores, a figura mediadora é comparada com um *Filho do Homem*, porém não como um título fixo de *Filho do Homem*. E assim continua a pergunta: Se os ditos de Jesus sobre o *Filho do Homem* devem ser entendidos mais em termos da tradição da *linguagem cotidiana* ou da *tradição da linguagem visionária*” (THEISSEN & MERZ, 2002: 571)?

Os ditos sobre o *Filho do Homem* na tradição de Jesus: os registros (THEISSEN & MERZ, 2002: 572-576):

a. Os ditos sobre o *Filho do Homem* atuante no presente

Eles apresentam tendências diversas nas duas mais antigas fontes (Mc e Q): *Ditos sobre a autoridade do Filho do Homem aparecem em Mc. Sua autoridade aí é para perdoar pecados (Mc 2,10) e para romper com o sábado (Mc 2,28). O filho do Homem que atua na terra está acima das normas e restrições gerais.* A fonte dos ditos contém ditos sobre o papel marginal do filho do homem, isto é, *diferentemente dos animais, o Filho do Homem não tem pátria (Mt 8,20), é criticado com glutão e bebedor de vinho (Mt 11,19) e insultado (Mt 12,32)*.

Segundo os autores, é natural entender os ditos sobre o *Filho do Homem* atuante no presente em termos da tradição da linguagem cotidiana.

b. Os ditos sobre o Filho do Homem atuante no futuro

Estes poderão ser entendidos contra o pano de fundo da tradição da linguagem visionaria.

São:

Correlatos escatológicos: colocam o *Filho do homem* numa relação tipológica com a figura do passado. Por exemplo: O *Filho do Homem* é comparado a Jonas (Lc 11,30). Seus dias são relacionados com os dias de catástrofes passadas: do tempo de Noé (Lc 17,26) e de Ló (Lc 17,24).

Uma máxima legal escatológica: “Mc 8,38 contrapõe enfaticamente o *eu* de Jesus ao *Filho do Homem futuro*, isto é, quem se envergonhar de mim e das minhas palavras, também o *Filho do Homem* se envergonhará dele.... Nota-se uma alusão a Dn 7,13: ‘o *Filho do Homem* vem na glória de seu Pai com seus anjos sagrados’.

Declarações sobre ver futuramente o *Filho do Homem*: Jesus anuncia a seus juizes que eles verão o filho do Homem sentado à direita de Deus e vindo com as nuvens do céu (Mc 14,62). Nota-se uma referência direta a D, 7,13. Também no apocalipse sinótico de Mc 13,26, encontramos com muita força, a descrição do *Filho do Homem*, dentro da visão futura, com uma atualização de Dn 7,13s.

c. Os ditos sobre o *Filho do Homem* sofredor

Em diversas variantes aparecem tais ditos. Por um lado eles se referem ao *Filho do Homem* no ato de ser entregue (Mc 9,31; 14,41; Lc 24,7); por outro lado se referem ao seu sofrer (Mc 8,31; 9,21; Lc 17,25). A expressão *Filho do Homem* é apropriada para as profecias de sofrimento na medida em que o termo *Filho do Homem* sugere a noção de mortalidade (Is 51,12; Sl 146,3s.; Jô 25,6; IQS XI, 20; IQH IV, 30). Sendo que, posteriormente vai se desenvolver o emprego em profecias sobre o destino especial de Jesus.

d. O Jesus histórico e a expressão *Filho do Homem*

Aqui Theissen e Merz citam a C. Colpe (THEISSEN & MERZ, 2002: 575), que defende a autenticidade de *ditos* dos três grupos, isto é, do *Filho do Homem presente*, do *Filho do Homem sofredor* e do *Filho do Homem atuante no futuro*; porém com as ressalvas de que o título *Filho do Homem* infiltrou-se em profecias autênticas do sofrimento num estágio secundário. Para Colpe, a noção sinótica de *Filho do Homem* não pode ser derivada de Dn 7,13; as referências a Dn 7 foram introduzidas todas pela comunidade primitiva; a noção de *Filho do Homem* das parábolas de Enoque que permanecem restritas a um círculo esotérico; a do 4 Esdras permanece à idéia política do Messias. Aqui se torna visível uma quarta tradição, que é independente de Daniel, 4 Esdras e Enoque, e indica a variabilidade da expectativa do *Filho do Homem* no judaísmo. Quanto ao conteúdo, Jesus fala de si mesmo com *Filho do Homem presente*, ao mesmo tempo que fala de um *Filho do Homem apocalíptico futuro* como símbolo de sua consciência de consumação, isto é, ele salienta o caráter público e súbito da aparição do *Filho do Homem* (Mt 24,27.30.37; Lc 17,30), que garante justiça para o oprimido (Lc 18,8), julgará seus juizes (Lc

22,69) e virá antes que os discípulos tenham alcançado todo o Israel com sua mensagem (Mt 10,23).

Os autores citam, em contrapartida a C. Colpe, a *Philipp Vielhauer* (THEISSEN & MERZ, 2002: 576), que defende a inautenticidade de todos os ditos sobre o Filho do Homem. Isto é, Jesus defendeu uma escatologia puramente teocêntrica. Para Vielhauer, o Reino de Deus estava tão próximo, que entre ele e a vinda de Deus não restava espaço para uma figura intermediária.

Na concepção de Theissen e Merz, existem diferenciações entre diversos grupos de ditos sobre: 1º) O filho do homem atuante no presente; 2º) O filho do homem futuro e 3º) O filho do homem sofredor. Os três grupos são avaliados de maneira diferenciada. Destas três possibilidades, deixamos de lado *O filho do homem sofredor*. São autênticos os ditos sobre *O filho do homem presente* ou *O filho do Homem futuro*, ou ambos, como se pode verificar no gráfico que segue (THEISSEN & MERZ, 2002: 577):

	A: Os ditos sobre "O filho do homem" presente	B: Ditos sobre "O filho do homem" futuro
A expressão <i>O filho do homem na linguagem cotidiana</i> é autêntica, e do Filho do homem futuro é secundária A→B	Ditos sobre o Filho do Homem terreno são originais: a) Como perífrase para <i>eu</i> (G. Vernes); b) No sentido geral de declaração sobre o ser humano; c) Como combinação de uma perífrase para <i>eu</i> e o <i>eu</i> como ser humano (B. Lindars)	Os ditos sobre o Filho do Homem futuro são interpretações pós-pascais: a) Como exegese escriturística de Dn 7,13 ss. (Em combinação com Sl 110,1; N. Perrin); b) Como transferência de uma noção geral do Filho do Homem apocalíptico para Jesus.
Os ditos sobre o <i>Filho do Homem apocalíptico</i> são autênticos e os sobre o presente são secundários	Ditos sobre o <i>Filho do Homem presente</i> foram criados apenas depois da Pásqua: a) Pela compreensão errônea e pela reinterpretação de declarações gerais sobre o	Jesus esperava uma figura de <i>Juiz Apocalíptico</i> diferente dele mesmo (Mc 8,38) ligando-se à expectativa de um <i>mais forte</i> por parte do Batista. Esse <i>Filho do Homem futuro, celeste,</i> pode ser concebido: a) Como figura

A←B	ser homem: só agora são entendidas messianicamente; b) Pela transferência do título futuro <i>Filho do Homem</i> para ditos sobre o <i>Filho do Homem futuro</i> que em parte eram novas criações.	soberana exclusiva que contrasta como nos seres humanos; b) Como figura celeste que representa e simboliza o novo povo de Deus.
-----	--	---

Síntese:

Jesus une a tradição da <i>linguagem cotidiana</i> e a da <i>linguagem visionária</i> em seus ditos sobre o Filho do Homem: ambos os grupos contêm ditos autênticos.	Jesus falou tantos do <i>Filho do Homem presente</i> como do <i>futuro</i> . A relação entre as duas séries de declarações podem ser definidas: a) Como uma relação entre estágios: assim como o próprio Enoque é investido no papel do <i>Filho do Homem</i> (Enoque etíope 70-71), Jesus também esperou ser designado para ser <i>Filho do Homem</i> no reino iminente de Deus. Ele teve uma auto consciência (R. Otto); b) Como uma relação representativa. Assim como o semelhante ao <i>homem</i> em Dn 7 representa o povo de Deus no céu e, nas parábolas de Enoque a comunidade dos justos, Jesus também sabe que é (agora o único) representante do <i>Filho do Homem</i> celeste na terra (Mr 8,38; H. Merklin).
A + B	

Para Theissen e Merz (THEISSEN & MERZ, 2002: 578-579), "a associação da expressão *Filho do Homem* a Jesus pode ser derivada apenas da *linguagem cotidiana*. Jesus deve ter usado a expressão cotidiana de modo que ela pudesse se tornar seu *título* (para corrigir expectativas excessivas depositadas sobre ele). Assim, a expressão se tornou *título cristológico* porque Jesus a contrapôs a *expectativas cristológicas*, e assim, converteu-a em *título de transcendência misterioso*. Também, essa revalorização cristológica da expressão cotidiana *Filho do Homem* foi encorajada pelo fato de Jesus ter falado de um *Filho do Homem futuro* que se tornaria manifesto depois da virada escatológica. Segundo os autores, é mais

provável que Jesus tenha falado do *Filho do Homem* presente como do futuro. Isto é, ele relacionou a tradição da *linguagem cotidiana* com a *tradição da linguagem visionária* de um ser celeste *semelhante ao homem*. Em outras palavras: não um anjo, não um ser celestial, não um ser que era apenas como *um homem*, mas *um homem concreto* vai assumir seu papel no Reino de Deus que está irrompendo: o próprio Jesus. Ele é ao mesmo tempo *homem presente e futuro*. É uma analogia com a dupla escatologia do Reino de Deus”.

Considerações

Talvez devêssemos adotar uma postura mais conciliadora entre o *anúncio* e o *anunciado*, isto é o *querigma* nas comunidades cristãs primitivas e *Jesus de Nazaré*, não obstante a distância que o faz distinto nas diversas interpretações. John P. Meier, citando a Norman Perrin, apresenta um possível caminho para repensar o Jesus Histórico na perspectiva de considerar o nível histórico, historial e teológico. Isto é, “podemos reunir conhecimentos históricos descriptivos sobre um indivíduo do passado remoto chamado Jesus de Nazaré; este é o nível do histórico. Podemos prosseguir, destacando e reservando os aspectos desse conhecimento histórico que seriam significativos para nós no presente; este é o nível historial (que poderá ser feito por judeus, budistas ou agnósticos). E o conhecimento de Jesus pela fé, como Senhor e Cristo. Este nível, aos olhos dos que crêem, é o único e exclusivo território de Jesus e, ao contrário do primeiro e do segundo, não pode ser aplicado a outras figuras da história antiga. Não podemos separar o *Jesus histórico* do *Jesus historial*. Um está profundamente entranhado no outro” (MEIER, 1992: 39-41).

Assim, do anúncio estabelecido em um *presente de Jesus de Nazaré* se especula sua recepção nas mais diversas interpretações do querigma nas comunidades cristãs primitivas. É a imagem do Jesus do *presente* e sua *atuação futura*, numa perspectiva crística e messiânica. Assim também, a *linguagem cotidiana*, que significa um *homem* e a *linguagem visionária* de uma *figura enviada por Deus* para o julgamento do mundo se adequam, a partir das diversas formas de recepções das tradições vetero-testamentárias, das literaturas judaicas e da viariiedade de expectativas do *Filho do Homem* no judaísmo e nos ulteriores ambientes cristãos, possibilitando o forjar das expressões como *Servo Sofredor*, *Filho do Homem*, *Filho de Deus*, entre outros termos. Na construção das expressões

subjazem as tradições orais e escritas que re-interpretarão os fenômenos e ocorrências consideradas históricas de Jesus de Nazaré. Com essa aproximação (futuro – presente) inferimos, sem muita certeza, que o Jesus histórico poderia ter assumido em sua vida cotidiana a tradição do *Filho do Homem*, não como um título cristológico e sim como uma expressão do dia-a-dia, marcada pelo caráter escatológico de um messianismo emergencial, impregnada pelo seu contexto histórico, numa perspectiva de presente e futuro, como também influenciada pela recepção das diversas tradições judaica das grandes figuras messiânicas.

Bibliografia

- Bíblia de Jerusalém*. Nova edição, revista e ampliada. São Paulo: Paulus, 2002. 2206p.
- COLLINS, John J. *A Comentary on the Book of Daniel*. With an essay, "The influence of Daniel on the New Testament", by Adela Yarbro Collins. Edited by Frank Moore Cross. 1993 Augsburg Fortress, 500 p.
- CROSSAN, John Dominic. *O Jesus Histórico*: a vida de um camponês judeu do Mediterrâneo. Rio de Janeiro: Imago, 1994, 543 p.
- CULLMAN, Oscar. *Cristologia do Novo Testamento*. São Paulo: Ed. Líber, 2001, 440 p.
- Diccionario de la Biblia. Edición Castellana de Serafín de Ausejo, Barcelona:Herder, 1964, 2126 p.
- MEIER, John P. *Um Judeu Marginal*: repensando o Jesus Histórico. Trad. Laura Rumchinsky. Rio de janeiro: Imago Ed., v. I, 1992. 488p
- THEISSEN, Gerd, MERZ, Annette. *O Jesus Histórico*: um Manual. São Paulo: Loyola, 2002, 655 p.
- VERMES, Geza. *As Várias Faces de Jesus*. Trad. Renato Aguiar. Rio de janeiro/São Paulo: Record, 2006. 364p.